

Globalizar a luta para globalizar a esperança

Maria Nazareth Ferreira*

* Doutora em Comunicação,
Professora Titular da Escola de
Comunicação e Artes da Usp.

Os trabalhos que ocuparam a preocupação desta pesquisadora durante estes anos conduziram a reconhecer a importância da cultura das classes subalternas como elemento indispensável para a transformação do indivíduo em sujeito de sua história, visto que aquelas são o resultado da experiência concreta, da vivência cotidiana das classes subalternas. No entanto, a atividade acadêmica aqui desenvolvida é permeada por limites impostos pela ausência de uma aproximação mais concreta com a experiência popular, o que de certa forma despolitiza qualquer possibilidade de tornar mais efetiva a contribuição da academia para a sociedade.

Tentando transpor este vazio e, ao mesmo tempo, retomando as recomendações do último Fórum Social Mundial¹, que é sair das proposições para ações concretas, faz-se necessário examinar alguns temas urgentes.

¹ AMIN, Samir. Foro Social Mundial: *Levántate y anda!* Rebelión y IPS, 29/05/05.

O principal desafio que se coloca e que requer solução prática para a América Latina é encontrar uma estratégia para fazer frente à expansão neoliberal.

O neoliberalismo apresenta-se como um novo cenário mundial que coloca em primeiro plano uma questão fundamental: a expansão neoliberal não se utiliza apenas das armas tradicionais (políticas, econômicas e culturais), mas principalmente na criação de um cinturão de defesa militarizada, constituída por exércitos regulares e mercenários. Este cinturão de defesa - que sempre existiu em menor escala -, atualmente, graças ao pretexto do terrorismo e do narcotráfico, está ampliando-se em escala nunca vista, principalmente na região latino-americana.

Na XXXV Assembléia Geral da Organização dos Estados Americanos, realizada neste ano de 2005 na Flórida, deu-se ênfase à expansão de atividades baseadas na economia de guerra. Os EUA criaram, com o aval daquela organização, a Academia Policial de las Américas, com sede em El Salvador, cuja tarefa é treinar uma força “internacional” de combate ao crime (leia-se movimentos populares) onde o terrorismo e o narcotráfico são a justificativa². Em dias passados as Forças Armadas dos países latino-americanos eram preparadas na tristemente famosa Escola das Américas, na qual aprendiam a doutrina da segurança nacional e as mais nefandas técnicas de tortura, no combate aos “comunistas”. Agora, as novas polícias serão treinadas para combater as ações “anti-democráticas” e o “terrorismo internacional”.

No Cone Sul, a memória do Plano Condor -, que sob a tutela dos EUA atuava nos serviços secretos das ditaduras, seqüestrando, torturando e matando cidadãos de qualquer país, sem respeitar leis nem fronteiras -, ainda estarrece os latino-americanos. A recente crise entre Venezuela e Colômbia é um exemplo de que ainda estão em curso as proposições do dito plano, não apenas para as Américas, mas em toda a área de influência do império³.

² COLUSSI, Marcelo. *Se crea nueva fuerza de ocupación continental: Academia de Policía Internacional en El Salvador*. Rebelión, 10/06/05.

³ SERRANO, Pascual. *El Plan Cóndor de Estados Unidos en Europa*. Rebelion, 17/03/05.

Entretanto, o mais assustador é a expansão das bases militares norte-americanas por toda a América Latina, com o consentimento de governos títeres. Há quem esteja preconizando a volta do monroísmo, quando se pode enumerar estas bases no continente. Somando-se às bases militares do Peru, do Equador, da Colômbia e das Antilhas Holandesas – as quais sítiam a Amazônia -, agora os EUA acabam de instalar uma base militar no Chaco Paraguai. Esta nova base tem capacidade para receber aviões B-52 e alojar 14 mil soldados equipados. O Congresso paraguaio, que autorizou essa ingerência, ainda concedeu imunidade ante os tribunais aos americanos, em todo o território, não importa que delito tenham cometido.⁴ Não é necessário acrescentar que esta nova base está situada próxima à Tríplice Fronteira, onde se unem Brasil, Argentina e Paraguai, ou seja, dentro do Mercosul⁵.

Em defesa da segurança dos países sul-americanos e da integração dos mesmos frente a este quadro ameaçador, alguns passos estão sendo dados, mas ainda são muito frágeis. Além da unificação da produção estratégica (energia, comunicação, petróleo, gás, água potável etc)⁶, será urgente unificar os setores de segurança estratégica, como as forças militares da região. Nesse sentido, alguns passos também já foram dados⁷, até porque a América Latina precisa armar-se para defender-se, na medida em que os EUA, como única potência no sub-continente, está promovendo uma escalada armamentista sem precedentes na história da região⁸.

Para levar avante esta proposta – sem perder de vista o cenário belicista descrito anteriormente –, faz-se necessário antes reconhecer alguns elementos históricos que estão na base de qualquer ação concreta para a região. Em primeiro lugar, é preciso entender que hoje não é possível lutar contra esta nova fase do capitalismo so-

⁴ GUERRA, Angel. La vuelta del monroísmo. La Jornada, 14/07/05.

⁵ Idem, idem.

⁶ Venezuela y Brasil iniciaron la Alianza Estratégica para la integración definitiva de ambos países. Aporrea, 15/02/05.

⁷ DIERETICH, Hans. La integración militar del Bloque Regional de Poder Latinoamericano: Argentina, Brasil, Cuba, Ecuador, Paraguay, Uruguay, Venezuela. VI Conferencia de Ministros de Defensa de América. Quito, 2004.

⁸ ZIBECCHI, Raúl. Las armas de América Latina. La Jornada, 16/02/05.

mente a nível nacional. Vive-se um período ultraconservador, no qual não só a mídia, mas todos os equipamentos de poder e opressão estão internacionalizados. Nesse sentido, as forças progressistas devem encontrar também condições para mundializar suas lutas e seus principais instrumentos de resistência

Colocada assim, esta proposta apresenta uma falsa contradição: como privilegiar uma estratégia de luta a nível mundial? Como lidar com os problemas locais? Segundo alguns estudiosos de renome da história recente latino-americana⁹, nesse momento é urgente concentrar os esforços nas lutas anti-neoliberais (deixando velhas palavras de ordem de lado) privilegiando os espaços locais, quer dizer o nacional, o regional etc., para acumular forças. Para isso, será necessário fazer alianças, todas aquelas que forem possíveis: articular a esquerda política com a esquerda social, para formar uma grande frente ampla anti-neoliberal. Esta frente coloca dialeticamente a questão do mundial e do local, resolvendo aquela falsa contradição assinalada antes: ao se articular alianças, dentro e fora do nacional, estará sendo construída a frente ampla. Aliás, grande parte desta tarefa já está sendo realizada através dos Fóruns Sociais Mundiais, mas o que se faz necessário ainda é politizar as ações concretas, ou concretizar ações políticas no sentido de levar a bom termo esta proposição.

Segundo aqueles cientistas políticos citados anteriormente, faz-se necessário levar em conta algumas medidas urgentes para se obter o sucesso nesta tarefa. A primeira seria definir o conceito de esquerda, ampliando-o para o conjunto de forças que se opõem ao capitalismo e à lógica do lucro; que lutam por uma sociedade solidária e humanista, livre da pobreza material, moral e cultural, resultado da exploração capitalista.

Na política, é preciso reconhecer as diferenças do mundo atual (neoliberal), frente à época em que revoluções socialistas eram possíveis (por exemplo, Cuba, Vietnam, Laos, Camboja etc.). Não

⁹ Principalmente Martha HARNECKER em seu texto “Sobre la estrategia de la izquierda en América Latina” (Rebelión, 25/04/04), o qual forneceu subsídios para o presente trabalho (nota da autora).

que o socialismo tenha morrido, mas para chegar a uma nova etapa socialista, atualmente, será necessário percorrer um longo caminho. É preciso reconhecer os erros do passado para aproveitar as oportunidades do presente, sem nostalgia e com muita coragem e otimismo. Não é o fim da História e o capitalismo não é a única opção do planeta. Apesar de hoje se assistir ao gigantismo dos EUA como a polícia do mundo, travando guerras, pisoteando a ONU e a opinião pública mundial para impor suas idéias e apropriarem-se dos recursos naturais de outros países, esta exagerada expansão pode ser o princípio do fim. Entretanto, nesse contexto neoliberal, a América Latina ocupa um lugar de destaque, graças às suas riquezas naturais e ao seu contingente humano. Esta situação é mais um elemento a ser considerado no campo das alianças políticas.

Do ponto de vista da economia, hoje o mundo funciona como uma unidade operativa única e um único mercado de capitais; a internacionalização do processo produtivo, girando pelo planeta em busca de lucro fácil e rápido, não tem paralelo na história da sociedade humana. Na sua lógica, não se submete a países, mas a empresas apátridas, sem nenhum compromisso com o social. Os principais instrumentos que permitem este avanço são os mesmos que deram a supremacia nos equipamentos bélicos aos EUA: as novas tecnologias da comunicação, que transformam o tempo real à escala planetária, interferindo violentamente na vida material e cultural da humanidade. Nesse contexto, o Estado Nacional -, despojado de suas funções sociais -, é permitido apenas como instrumento para facilitar negócios e vantagens legais, e assim mesmo, não para uma elite nacional, pois esta categoria social também está internacionalizada, passando por cima dos interesses de seus próprios países.

O conceito de imperialismo foi altamente sofisticado, atuando modernamente no mundo do trabalho, na sociedade e na cultura de forma planetária, sem deixar lugar para contestação, graças à infra-estrutura proporcionada pelos avanços da ciência impulsionada pela expansão do atual modelo capitalista. Não é o mesmo atuar num mundo bipolar, onde o campo socialista oferecia uma retaguarda às ações revolucionárias – o que hoje é impossível; não

é a mesma coisa atuar num mundo onde os sindicatos tinham força, o que hoje já não existe. Em termos de capital, hoje existe uma espécie de senado virtual, acima de países e partidos políticos que pode votar instantaneamente contra qualquer país que desobedeça às regras estabelecidas pelo sistema (FMI, OMC, BM etc.), retirando-o do circuito, levando-o à catástrofe financeira e social. Os exemplos são muitos.

Nesse sentido, é urgente definir uma estratégia política; nesta proposição política, estratégia significa encontrar o melhor caminho para acumular forças na construção da unidade das esquerdas, segundo M. Harnecker; no entanto, esta estratégia política não deve ser hoje o objetivo final, mas o começo da luta acumulativa, a partir do diagnóstico sobre quais são os inimigos das esquerdas, quais os aliados e quais são aqueles setores que será necessário neutralizar em determinado momento histórico. Para tanto, será urgente avaliar o que aconteceu em cada país da região. As atuais revoluções interrompidas na América Latina mostram que, com o fim da era bipolar e o crescimento militar espantoso dos EUA, a esquerda política perdeu um aliado estratégico fundamental. Mas, por outro lado, este mesmo poderio militar e econômico está criando as condições de acumulação de forças que não existiam na América Latina, nas décadas passadas, com o acirramento da crise geral, inclusive dentro do império. A luta anti-neoliberal só pode avançar se a este mundo global se opuser uma resistência global; e no caso da América Latina, isto só será possível com a articulação dos países mais fortes (Brasil, Argentina, Venezuela, por exemplo).

Hoje poderia afirmar-se com segurança que o que realmente chegou ao fim foi a era das revoluções nacionais, mas não as lutas de toda uma região articulada. O que restaria da proposta revolucionária e quais seriam suas possibilidades atualmente? Seriam muitas, pois as causas sociais que motivaram a luta revolucionária dos povos latino-americanos se agravaram de maneira extraordinária. A ofensiva neoliberal contra todo intento revolucionário, não se cansa de encontrar pretextos para atacá-lo; porém, isto é um sinal indireto de que as revoluções estão em curso e oferecem perigo ao sistema.

A mídia, clonada¹⁰ além de promover a desinformação pública, identifica revolução e lutas de libertação com terrorismo. Daí a necessidade de enfrentar os objetivos revolucionários com otimismo. Para alcançar estes objetivos é necessário lutar contra posições negativas, como o fim do socialismo, o fim das lutas sociais e da unidade dos povos; só assim as esquerdas poderão se propor tarefas realizáveis.

Assim, a estratégia política para uma ação eficaz no momento atual é organizar uma frente ampla antineoliberal. O grande aliado hoje de uma frente ampla antineoliberal é o próprio neoliberalismo, que pauperizou dois terços da humanidade e não resolveu nenhum problema antigo do capitalismo. A profunda crise e a amplitude e variedade dos setores afetados configuram um cenário favorável à formação de um bloco social alternativo de ampla composição social e política, de grande força; o que falta é politizar esse bloco, que reuniria amplos setores da região – inclusive setores capitalistas que não conseguem sair da penúria graças aos propósitos neoliberais (aqui, não se tratam de setores burgueses capazes de terem projetos próprios, mas de setores que, para sobreviver como tal, não têm outro caminho que juntar-se ao projeto nacional popular). Por outro lado, não seriam somente os setores economicamente afetados, mas todos os discriminados pelo sistema..

Não se pode perder de vista que o neo-liberalismo empobrece a grande maioria da população mundial, não apenas do ponto de vista sócio-econômico, mas também do ponto de vista moral e cultural.¹¹ Não existe, na atividade humana, nada que não seja cultural, inclusive a produção de bens destinados à satisfação das necessidades materiais e espirituais dos povos. Nesse sentido, será necessário construir um programa ou plataforma que se proponha a frear o projeto neoliberal e oferecer alternativas concretas para os problemas atuais, principalmente, aqueles relacionados com a vida cultural, profundamente exposta á ação prejudicial das mídias

¹⁰ IBARRA, Adel. La información no és una mercancía , no puede ser comprada y vendida. *Rebelión*, La Jiribilla, 24/10/2004.

¹¹ CONTRERAS, Norton. R. *Los Médios de comunicación y la cultura* . *Rebelión*, 07/07/05.

globais. Fortalecer a cultura, significa fortalecer as raízes identitárias da sociedade.

Outro aspecto que se faz necessário examinar são os limites das democracias latino-americanas. Nessa luta não se pode deixar de avaliar o caráter histórico das democracias latino-americanas. Estas são frágeis e tuteladas, com as grandes decisões não sendo adotadas pelos governos, mas por entidades que escapam a seu controle, como por exemplo, o FMI, a OMC, o Banco Mundial. Atualmente, nos cenários políticos, parece que os grupos dominantes toleram mais a vitória de candidatos de esquerda, porque sabem que eles têm cada vez menos possibilidades de modificar o *statu quo*. Para vencer as limitações destas democracias, se faz necessária a articulação firme e decisiva dos países da região. Isolados, nada conseguem, mas, articulados, serão respeitados, pois representam uma força gigantesca em termos de população e riquezas naturais. Nesse sentido as alianças são fundamentais dentro e fora da América Latina. As vitórias de Lula, Chávez, e Tabaré Vázquez foram resultado de amplas alianças (apesar de que estas, podem vir a ser problemáticas). Embora haja diferenças entre Lula e Chávez (a realidade da Venezuela é favorável pelo apoio popular, pelos petrodólares, pelo apoio das Forças Armadas Venezuelanas, diferentemente do Brasil, que atravessa uma crise política sem precedentes, principalmente com o governo e seu próprio partido), eles se aproximam em questões fundamentais, como a integração regional (Mercosul e a Alba, enfrentando a Alca). Os projetos integracionistas, como a Alba, a Telesur, a Petrosur¹² e outros mais complexos como a integração militar na defesa e na segurança da região, requerem a participação do Brasil. O sucesso de um governo popular de Lula vai depender do apoio de um movimento popular fortemente organizado e ampliado para dar sustentação a qualquer política mais progressista. A crise política enfrentada pelo governo Lula e pelo Partido dos

¹² COLUSSI, Marcelo. ALBA: una alternativa real para Latinoamérica. *Rebelión*, 30/03/05. LÓPEZ B. El ALBA se extiende por el Caribe. *Rebelión*, 13/07/05; Aram AHARONIAN. Todo lo que usted quiere saber de Telesur. *Rebelión*, 13/07/05; Hernan URIBE. Telesur: un paso gigante contra la desinformación. *Paralelo 21*, 17/03/05; Jonatham WHEATLEY. Petrosur, algo más que retórica. *Aporrea*, 02/03/05.

Trabalhadores ainda pode ser revertida¹³. Intelectuais brasileiros e estrangeiros têm denunciado a chantagem do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso para evitar a reeleição de Lula e o golpe branco em curso, levado a cabo pela oposição. De outra parte, forças populares organizadas, como alguns sindicatos e o MST declararam o apoio a Lula, se houver mudanças progressistas em seu governo.

Nesse sentido, vale insistir: os governos latino-americanos progressistas precisam entender – como o fez Chávez – que necessitam de uma população organizada, politizada, que pressione para avançar o processo e que seja capaz de combater os erros e desvios que surgirem durante esta empreitada. Estes governantes precisam entender que os povos, as classes populares devem ser os atores de primeira linha na luta. São estas classes as que, portadoras de suas culturas, têm o sentido comum da vida; são portadoras da história concreta, porque a constroem no seu dia-a-dia através de sua cultura exercitada cotidianamente e na qual buscam e encontram soluções para seus problemas. São potencialmente revolucionárias e, por isso, são consideradas perigosas pelo seu inimigo de classe, as elites.

Os exemplos de rebeldia atuais na América Latina devem dar novas perspectivas para as lutas de libertação na região. Existe um significativo aumento de propostas alternativas contra o neoliberalismo, apresentadas pelos movimentos sociais da região. Quase todos os povos latino-americanos que estão sendo prejudicados pelos tratados plurilaterais promovidos pelos seus governos juntamente com os EUA, estão se organizando para resistir, principalmente por entenderem as propostas nocivas que vêm embutidas nos mesmos: privatização da saúde, da educação, entrega de suas riquezas naturais, desregulamentação do Estado, só para citar os mais alarmantes resultados que os TLC poderão trazer às popula-

¹³ SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Estratégia golpista é punir antes de apurar. Valor Econômico, 21/07/05. Emir SADER. El abrazo de oso de Fernando Henrique Cardoso. Alai, 12/07/05. Leonardo BOFF. Corruptio optimi péssima. Koinonia, 26/07/05; Pep VALENZUELA. Crisis en Brasil. Rebelión, 26/06/05; Guillermo ALMEYRA. Realmente hay un “escenario post Lula?” La Jornada, 25/07/05; Abel SARDIÑA. Oposición brasileña saca las uñas e usa doble moral. Prensa Latina, 25/07/05.

ções locais¹⁴. Como resultado desta formidável conscientização, os governos e as mídias tratam de criminalizar estas lutas¹⁵, abrindo espaço para a presença dos exércitos privados estrangeiros.

No Equador, depois de destituir o presidente Gutierrez, teve início um longo processo de purificação das forças em luta: a revolta quitenha alastrou-se por todo o país, chegando à Costa onde está instalada uma base militar americana (Manta). Da palavra de ordem “fuera todos!”, passou-se a uma luta nacional, não apenas contra o neoliberalismo, mas de cunho bolivariano-alfarista¹⁶ contra a base de Manta, a dolarização da economia, a corrupção e outros males do país; enfim, nesta luta, o povo equatoriano propõe a III República¹⁷.

Quase ao mesmo tempo, o governo da Bolívia foi deposto, em meio a uma crise política que levou quase toda a população (de maioria indígena) a lutar a nível nacional contra o neoliberalismo e pela nacionalização de suas riquezas naturais (água, gás, petróleo etc.)¹⁸

Na Colômbia, apesar da presença de tropas americanas, do Plan Patriota¹⁹ e do servilismo de Uribe, também o povo está em luta: conseguiu uma Consulta Popular sobre a legitimidade do TLC (Tratado de Livre Comércio Andino) com os EUA; nesta luta estão os indígenas de Cauca e a Organização Indígena Nacional. Como este tratado inclui o Peru e o Equador, estes países participaram como observadores da consulta, que rejeitou o TLC com uma vitória do NÃO em 98% dos votantes²⁰.

No Peru, além de estar perdendo pontos em popularidade, Toledo não conseguiu conter os protestos dos camponeses contra os traba-

¹⁴ TEJEDA G., Armando. Líderes indígenas y campesinos de América Latina denuncian estragos del neoliberalismo. *La Jornada*, 17/06/05.

¹⁵ COCKCROF, James D.. Perspectivas de nuevos socialismos en América Latina. *Rebelión*, 28/05/05.

¹⁶ Movimentos libertadores nos quais a figura de Simon Bolívar e de Eloy Alfaro (herói consolidador da república equatoriana), são inspiradores (nota da autora).

¹⁷ SOTILLO, Israel e FRANCO, Edith. El volcán bolivariano-alfarista entra en erupción. *Rebelión*, 09/07/05.

¹⁸ SEOANE, José e ALGRANATI, Clara. La geografía política del conflicto social en América Latina. *OSAL*, 19/07/05.

¹⁹ BÁEZ, René. Plan Patriota y capitalismo mafioso. *Alai-Amlatina*, 07/07/05.

²⁰ SEOANE, José e ALGRANATI, Clara, *op.cit.*

lhos da mineradora Canadian Manhattan Minerals, a qual teve que suspender suas atividades. Por outro lado, os cocaleiros e produtores de algodão e batata, também enfrentaram o governo e conseguiram sensíveis vitórias contra o TLC²¹.

Na América Central, apesar do servilismo da maioria de seus governos, é possível registrar em Honduras, El Salvador e Costa Rica, protestos contra os TLC, até porque este acordo é considerado uma das causas do aumento significativo dos conflitos sociais na região²². Esta política norte-americana tem conseguido desagradar até mesmo diferentes corporações empresariais, as quais têm se manifestado contra a ratificação dos tratados, como é o caso da República Dominicana e do Panamá²³. Estes protestos têm unificado os diferentes segmentos das sociedades da Região, pois são claras as intenções de privatização e reformas sociais prejudiciais às populações, como condição para a implementação dos referidos tratados.

Na Nicarágua, o problema é mais agudo, pois todos estes protestos se desenvolvem no âmbito de uma profunda crise do governo Bolaños, resultado de sua aliança com os sandinista, os quais parecem estar renascendo²⁴.

No México, as diferentes organizações indígenas e camponesas, agora aliadas do “Ejército Zapatista de Liberación Nacional”, com significativo apoio das camadas médias urbanas (que se organizaram na luta a favor de Lopez Obrador), se preparam para as próximas eleições presidenciais de 2006. A organização maciça da sociedade mexicana está pondo em cheque a política anti-nacionalista de Fox, submetida aos caprichos dos EUA²⁵.

Ainda no sul do continente, destaca-se a luta de argentinos, paraguaios e em menor escala, brasileiros, na defesa da Tríplice

²¹ Idem, idem.

²² Idem, ibidem.

²³ Idem, ibidem.

²⁴ GRIGSBY V., William. *Nicarágua: 26 años después, donde está el movimiento popular? Rebelión*, 21/07/05.

²⁵ MARTINEZ T., Antonio. *Carta abierta al EZLN: Escuchémos y caminemos juntos en la reistencia. Rebelión*, 13/07/05; Victor M. TOLEDO. *Elm zapatismo rebasado Suatentabilidad, resistencias indígenas y neoliberalismo La Jornada*, 18/07/05.

Fronteira. Esta região, foco privilegiado na estratégia de militarização do Cone Sul, está sofrendo profunda criminalização de sua população, graças ao crescimento dos movimentos sociais em defesa do Aquífero Guarani, uma das reservas de água doce mais importantes do planeta²⁶.

Também no Chile, tanto o movimento estudantil como as Coordenadorias Anti-Imperialistas, espalhadas por todo o país, estão dando trabalho ao governo Lagos, com relação aos TLC e sua aproximação com os EUA. Ao lado destas organizações, também estão os movimentos indígenas como a Coordinación Mapuche Aranco Malleko, contra os latifúndios usurpados às terras comunitárias dos grupos indígenas²⁷.

Este novo internacionalismo reflete a emergência de um movimento alter-mundista, está levando a população latino-americana a experimentar uma nova qualidade (e quantidade) nos movimentos sociais e populares. Gerado nas experiências dos cinco Fóruns Sociais Mundiais. Este novo internacionalismo necessita preparar-se politicamente para os desafios de um futuro próximo, para não correr o risco de perder este momento histórico que vive a região.

É urgente globalizar as lutas para globalizar as esperanças e as utopias. Nesta perspectiva, as tarefas políticas urgentes compreendem enfrentar mais que antes os aparelhos de coerção política das elites e sua hegemonia sobre importantes setores populares; sua atuação cultural sobre a sociedade, a subordinação ideológica das classes subalternas; não apenas distinguir a coerção da força da lei, a intervenção legislativa e a repressiva, mas também os mecanismos e instituições presentes na sociedade civil, que geram a aceitação popular da ordem estabelecida (por exemplo, o consumismo, a emulação com as elites). Nesse sentido, é preciso atentar e denunciar o poder de persuasão das mídias e da publicidade, o qual consegue controlar amplos setores populares, levando-os a crer nas benesses do neoliberalismo²⁸. Hoje já não é mais necessária

²⁶ SEOANE, José e ALGRANATE, Clara, *op. Cit.*

²⁷ Idem, *ibidem.*

²⁸ BÁEZ, René. El TLC y la tierra prometida. Alainet, 12/06/05..

tanta repressão para a reprodução do sistema: basta a tv e a propaganda²⁹.

Outro aspecto a ser combatido é a desconfiança que as classes subalternas têm com relação à política e aos políticos. A mera propaganda de uma sociedade alternativa não basta. É necessário demonstrar na prática, o que só é possível a partir do desenvolvimento de processos populares alternativos ao capitalismo, que busquem romper com a lógica do lucro, criando laços de solidariedade e de humanismo, principalmente nos espaços que se mantêm nas mãos das esquerdas (prefeituras, centros de vivência, escolas, comunidades organizadas, sociedade de bairros, cooperativas, núcleos de pesquisa anexos às universidades, sindicatos etc.). Somente a partir de uma prática que unifique os diferentes setores sociais subalternos em torno a um projeto global humanista e solidário, fundamentado nas culturas das classes subalternas, será possível a constituição de sujeitos capazes de criar uma alternativa ao capitalismo; ou seja: o **sujeito revolucionário**. É o que a Venezuela está fazendo. ■

Referências Bibliográficas

AHARONIAN, Aram. Todo lo que usted quiere saber de TELESUR .
Redvoltage.net, 13/07/05.

ALMEYRA, G. Realmente hay un “escenario port-Lula?”. *La Jornada*, 25/07/05

AMIN, S. Foro social mundial: Levántate y anda! *IPS*, 29/05/05

APORREA. Venezuela y Brasil iniciaron la Alianza Estratégica para la
Integración definitiva de ambos países. *15/02/05*

BÁEZ, R. El TLC y la tierra prometida. *Alainet*, 12/06/05.

BOFF, L. Corruptio optmi péssima. *Koinonia*, 26/07/05

COCKCROFT, J. D. Perspectivas de nuevos socialismos en América Latina.
Rebelión, 20/05/05

²⁹ RAMONET, Ignacio. Información y democracia en la era de la globalización. *Rebelión*, 15/10/04.

COLUSSI, M. ALBA; una alternativa real para Latinoamérica. *Rebelión*, 30/03/05

_____ Se crea nueva fuerza de ocupación continental: Academia de Policía Internacional en El Salvador. *Rebelión*, 10/06/05

CONTRERAS ROBLED, N. Los medios de comunicación y la cultura. *Rebelión*, 07/07/05

DIETERICH, H. La integración militar del Bloque Regional Latinoamericano: Argentina, Brasil, Cuba, Ecuador, Paraguay, Uruguay, Venezuela. *Quito, VI Conferencia de Ministros de Defensa de América, 2004.*

GRIGSBY, W.V. Nicaragua: 26 años después, donde está el movimiento popular? *Envío*, 21/07/05

GUERRA CABRERA, A. La vuelta del monroísmo. *La Jornada*, 14/07/05.

IBARRA, A. La información no es una mercancía, no puede ser comprada y vendida. *La Jiribilla*, 24/10/04

HARNECKER, M. Sobre la estrategia de la izquierda en América Latina. *Rebelión*, 25/04/04

LÓPEZ BLANCH, H. El ALBA se extiende por Caribe. *Rebelión*, 13/07/05

MARTÍNEZ TORES, A. Carta abierta al EZLN: escuchémos y caminemos juntos en la resistencia. *Al Filo*, 13/07/05

RAMONET, I. Información y democracia en la era de la globalización. *Rebelión*, 15/10/04

SADER, E. El abrazo de oso de Fernando Henrique Cardoso. *Alai*, 12/07/05

SANTOS, W.G. dos. Estrategia golpista é punir antes de apurar. *FONTE?* 21/07/05

SARDIÑA, A. Oposición brasileña saca las uñas y usa doble moral. *Prensa Latina*, 22/07/05

SEOANE, R y ALGRANATI, C. La geografía política del conflicto social en América Latina. *OSAL*, 19/07/05

SERRANO, p. El Plan Cóndor de Estados Unidos en Europa. *Rebelión*, 17/03/05

SOTILLO, I. Y FRANCO, E. El volcán boliviano-alfarista entra en erupción. *Rebelión*, 09/07/05

Notas & Comentários

Maria Nazareth Ferreira

TEJEDA, A. G. Líderes indígenas y campesinos de América Latina denuncian estragos del enoliberalismo. *La Jornada*, 17/06/05

TOLEDO, V. M. El zapatismo rebasado: sustentabilidad, resistencias indígenas y neoliberalismo. *La Jornada*, 18/07/05

URIBE, H. TELESUR: un paso de gigante contra la desinformación. *Paralelo 21*, 17/03/05

WHEATLEY, J. PETROSUR, algo más que retórica. *La Jornada*, 02/03/05.

ZIBECHI, R. Las armas de América del Sur. *La Jornada*, 16/06/05.